



ENTRE REFORMADORAS: MULHERES E HIERARQUIA RELIGIOSA NA IECLB

Joyce Aparecida Pires

Resumo: A partir de pesquisa a ser desenvolvida na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) pretende-se compreender a dificuldade em legitimar o exercício eclesiástico feminino. Leva-se em conta que são trinta e oito anos de abertura para a participação das mulheres na estrutura eclesiástica desta Igreja protestante de imigração alemã. A pesquisa está voltada para o estudo da dinâmica dos processos sociais que transformam as vivências religiosas e ressignificam as práticas das mulheres como autoridades eclesiásticas. Nesta perspectiva, a hipótese recai sobre a incidência do feminismo nas subjetividades das mulheres envolvidas na elaboração e difusão de um ideário feminista. Para isto, busca-se, sob um enfoque etnográfico, analisar em São Paulo e Rio Grande do Sul o universo político-religioso, considerando as líderes oficiais da Igreja e teólogas que se declaram feministas ou não e situar as discussões, os usos e apropriações dos conceitos de mulher e religião nesse mundo social.

Palavras-chave: Feminismo. Hierarquia. Protestantismo.

Abstract: From research to be developed in the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB) it is intended to understand the difficulty in legitimizing the female ecclesiastical exercise. It is taken into account that there are thirty-eight years of openness for women's participation in the ecclesiastical structure of this Protestant German immigration church. The research focuses on the study of the dynamics of social processes that transform religious experiences and re-signify women's practices as ecclesiastical authorities. In this perspective, the hypothesis falls on the incidence of feminism on the subjectivities of women involved in the elaboration and diffusion of a feminist idea. For this purpose, we seek, from an ethnographic focus, to analyze in São Paulo and Rio Grande do Sul the political-religious universe, considering the official leaders of the Church and theologians who declare themselves feminist or not and situate the discussions,

VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 6., 2019, São Leopoldo.

Anais do VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 6, 2019. | p.235-245

the uses and appropriation of the concepts of woman and religion in this social world.

Keywords: Feminism. Hierarchy. Protestantism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em contraposição a negros e índios, para quem a própria questão de uma identidade dentro da Igreja é mais recente e as marcas históricas da dominação cristã são mais precisamente delineadas, para as mulheres o passado originário da sua exclusão de certas esferas e da percepção disso se apresenta como bem mais longínquo, chegando ao início da era cristã. As doutrinas e práticas religiosas reproduzem dicotomias que produzem diferenças entre homens e mulheres, reificando as relações de gênero na sociedade, isto já levantou questões nos movimentos históricos de mulheres na Igreja e continuam sendo problematizados pelos movimentos feministas contemporâneos e pelos estudos de gênero¹.

Desta forma, uma série de processos relativos a secularização, a emergência e difusão de novas definições do feminismo, assim como a crescente incorporação por diferentes agentes e instituições da denúncia da discriminação por sexo, configuram um quadro no qual as Igrejas tiveram de reelaborar e rerepresentar suas ideologias sobre o feminino para a manutenção de sua concorrência no campo religioso.

Na contemporaneidade as instituições civis reconhecem a capacidade, as reivindicações, os direitos das mulheres, hoje conquistando os mais altos cargos na sociedade, como primeiras-ministras e presidentes da república. Na visão de Eva Blay, o contexto político-religioso brasileiro sugere a interpretação de que a sociedade experimenta contradições por meio de movimentos conservadores, baseados na forte hierarquização entre homens e mulheres e

¹ SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. Rever, **Revista Estudos da Religião**, dezembro 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_scafone.pdf. ROSADO, Maria José (Org.). *Gênero, feminismo e religião: Sobre um campo em constituição*, 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

movimentos liberalizantes que promovem uma abertura a novas configurações.²

As complexidades da consciência das mulheres pastoras e líderes religiosas – que se auto intitulam feministas ou não –, na IECLB em face das transformações culturais dominantes interessam ser historicizadas e discutidas no doutoramento. Nesse sentido, a antropóloga Sherry Ortner, realça que “[...] uma consciência cultural completa é ao mesmo tempo sempre multinivelada e reflexiva, e sua complexidade e reflexividade constituem as bases para questionar e criticar o mundo no qual nos encontramos [...]”.³

No modo como as mulheres participam e constroem relações entre si, a partir da religião protestante de imigração alemã, está incluso uma dinâmica de reconfigurações históricas e ressignificações de valores que se manifestam como uma tentativa de construção de cidadania clerical.

Compreendendo a religião como uma esfera importante da vida social que não está desvinculada ou independente de outras esferas sociais, o reconhecimento da autoridade religiosa em um corpo de mulher está imerso nos processos de reconfigurações nos quais passam a sociedade. A apuração da aparência do gênero, suas performances e a corporeidade, envolve uma interpretação da “[...] estilização repetida do corpo [...]”, dos “[...] atos repetidos no interior de uma estrutura [...]” normativa, onde emergem estranhamentos, constrangimentos e dissidências em contextos onde o corpo é exposto.⁴

Sherry Ortner recorda o advento do protestantismo como parte dos chamados movimentos culturais da Reforma (tal como analisado por Max Weber [1958]) considerando que ele “[...] remodelou tanto as práticas como as subjetividades [...]” na sociedade ocidental.⁵ O luteranismo é o protestantismo mais antigo no Brasil, sua implantação ocorreu entre 1823 a 1916 com a imigração de colonos europeus, especialmente a partir da influência de

² BLAY, Eva. Alterman. (Org.). **Igualdade de oportunidades para as mulheres**: um caminho em construção. São Paulo: Ed. Humanitas, 2002.

³ ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez, 2007, p. 399.

⁴ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p, 59.

⁵ ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007, p. 32.

alemães, suíços, austríacos, suecos entre outros⁶. Portanto, a IECLB deve ser compreendida como uma Igreja do chamado protestantismo histórico de imigração. Segundo Paul Freston o luteranismo é uma religião que representa um tipo sociológico diferente, que limitou sua influência sobre o conjunto da população brasileira, resultante de dois fatores: “[...] é uma fé de imigrantes e é o único grande grupo de protestantes no Brasil que é igreja [...]”, desde os seus primórdios.⁷ O ensino da doutrina é fundamentado nos livros do reformador Martinho Lutero (1483-1546) e está vinculada à Igreja Reformada Alemã, apresentando-se como a matriz da reforma cristã no Brasil.

Vários foram os fatores que motivaram o Estado brasileiro a incentivar essa imigração, isso porque havia uma necessidade de preencher o espaço geográfico de enormes áreas desabitadas e regiões de litígio em fronteiras com outros países, além da pela forte pressão internacional para a abolição da escravidão visando o estímulo ao desenvolvimento de um mercado consumidor interno. Afora a preocupação em “branquear” a população brasileira. Estabeleceu-se no sul do Brasil um processo de auto-organização comunitária através do enquadramento da vida religiosa por parte dos raríssimos agentes eclesiásticos alemães. É a partir de 1864, quando a Igreja da Prússia começou a enviar seus ministros que a organização religiosa dos imigrantes alemães tomou forma e visibilidade. Com a unificação da Alemanha em 1870, “[...] solidificou-se a identificação de germanismo e luteranismo [...]”.⁸

Mais tarde, a partir da década de 1960, com as mudanças promovidas pelo Concílio Vaticano II, sociedades missionárias alemãs e um órgão da Igreja Evangélica Alemã, o Superior Conselho Eclesiástico, passaram a se interessar pelo envio de pastores e missionários às comunidades existentes no sul do Brasil. Segundo Gerd Kliewer, aqui ficaram numa situação de marginalidade cultural que forjou uma “[...] consciência racial excessiva [...]”⁹. Nesse contexto de organização e disseminação do luteranismo no Brasil, também ocorreu o

⁶ FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a igreja luterana no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis v.16 n .24p .61-73 out, de 1998.

⁷ FRESTON, 1993, p. 42.

⁸ FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment (tese de doutorado), Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade de Campinas, 1993, p. 42.

⁹ KLIEWER, Gerd. Uma comunidade evangélica frente aos problemas sociais e à atuação sócio-política da Igreja. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 17, n. 1, 1977, p. 04.

reconhecimento pelo Estado do trabalho pastoral, concomitante com a renovação espiritual e o movimento carismático evangélico, estabelecido na IECLB pelo movimento Encontro.¹⁰

Em 1886 foi fundado o sínodo Rio-Grandense da Igreja Evangélica Alemã, vinculados à Alemanha e mais outros três sínodos, situados na região sul do país, mas sem vínculos entre si. Tempos depois, os quatro sínodos e outros localizados em diferentes regiões da América do Sul, organizou-se a Federação Sinodal em 1949, a qual assumiu o nome atual de IECLB em 1954 e com a fusão total dos sínodos em 1968¹¹. Em 1955 a IECLB entrou no Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e em 1958 na Confederação Evangélica do Brasil (CEB), revelando nesta última ação a participação e autonomia da instituição no país, o que implica “[...] narrar o processo da sua consecução da maturidade de organização e a paralela consciência da sua missão como igreja brasileira [...]”¹².

Além disso, a partir da atuação de missionários enviados pelo sínodo de Missouri, localizado nos Estados Unidos da América, foi fundada uma quinta organização eclesiástica luterana em 1990. Esta, no entanto, seguiu rumos próprios e deu origem à Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Apesar de existir distinções bem delineadas dentro do campo protestante – protestantes históricos, protestantes de missão, pentecostais, neopentecostais –, observa-se atualmente um movimento de coesão no que diz respeito à identidade evangélica.¹³ Porém, ainda que na IECLB a palavra evangélica é encaminhada desde a denominação da Igreja Luterana no Brasil, o significado do conceito evangélico e identidade do ser evangélico possui suas diferenciações bem demarcadas quando comparada ainda que com as outras denominações protestantes históricas.

¹⁰ FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a igreja luterana no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis v.16 n. 24, p. 61-73, out, 1998.

¹¹ Idem.

¹² REILY, Ducan. Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984, p. 101.

¹³ NETO, Ana. Luisa. Gouvêia. **O uso político da religião e o uso religioso da política**: como a defesa de pautas morais indica uma compreensão de gênero. *Interações*, Belo horizonte, Brasil, v.12 n.22, p. 323-342, ago./dez, 2017.

Os estudos de Talad Asad contribuirão para a reflexão sobre o corpo como lugar de passagem, marcado, exercitado, disciplinado, enredado e protagonista de processos observáveis compreendidos, portanto, como um modo prático de vida, como técnicas de produção, na mente e no corpo, de “[...] specific virtues and skills that have been authorized, bequeathed and reformulated over generations [...]”¹⁴. Ao aprofundar o contexto histórico em que se constituíram e se autorizaram os símbolos religiosos do luteranismo e seu projeto de Igreja no Brasil, poderei examinar um dos caminhos pelos quais a condição da mulher é discutida e reelaborada na religião e na política atual.

Dessa maneira, contextualizando e desenvolvendo o conceito de religião protestante luterana, poderemos compreender melhor como a hierarquia luterana e o Estado consideram o lugar da mulher na sociedade em determinados contextos históricos. E as mulheres, por sua vez, como parte de um projeto mais amplo e global como o feminismo do qual compartilham, difundem e elaboram este ideário, inclusive compreendido e praticado como epistemologia.

No contexto dessas negociações político-religiosas a redefinição da representação feminina ocorreu a partir de diferentes interesses institucionais das igrejas cristãs como um todo¹⁵. Diversas iniciativas decorreram por parte da Igreja Católica Apostólica Romana, como a menção à condição feminina no documento final do Concílio Vaticano II, a criação da Comissão de Estudos sobre a Mulher na Sociedade e na Igreja em 1973, além da edição progressiva de vários documentos pontifícios relativos à questão feminina.

No universo protestante, em especial, a partir das ações luteranas, a Federação Luterana Mundial instituiu em 1970, em sua quinta assembleia, a Secretaria da Mulher, garantindo em 1984 a participação de pelo menos 40% de mulheres em assembleias¹⁶. É nesse contexto que algumas mulheres

¹⁴ ASAD, Talad. **Reading a modern classic**: W. C. SMITH'S The Meaning and End of Religion. *History of Religions*, v. 40, n. 3, p. 205-222, 2001, p. 216. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/463633>.

¹⁵ ANJOS, Gabriele. dos. **Mulheres todas santas**: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FEE, 2005.

¹⁶ PHILIPPSEN, Rosane. As origens do fórum de reflexão da mulher luterana e relações de poder entre mulheres da IECLB. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016.

começam a refletir sobre outras questões e necessidades, surgindo os primeiros movimentos pelas mulheres e em prol da Secretaria da Mulher na IECLB¹⁷. De certa forma, essa pauta reflete uma busca de parceria com a instituição, de forma semelhante ao que ocorreu junto ao Estado, como, por exemplo, a primeira proposta de criação, durante o governo de Getúlio Vargas, do Departamento Nacional da Mulher, por Bertha Lutz, fundadora da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher.

À medida que o tema ganhou legitimidade social, a questão dos chamados direitos das mulheres foi sendo incorporada nas diferentes denominações cristãs. De forma geral, essa atenção para as problemáticas femininas, da qual as Igrejas participaram, tinha relação com sua progressiva abertura para os temas seculares. Esta abertura ocorria, tanto na Igreja Católica quanto nas Igrejas vinculadas ao CMI, mediante o fomento às diferentes teologias e pelo incentivo existente em seus fóruns de discussões.

No que diz respeito à ordenação de mulheres na IECLB, seu início se deu com Elisabeth Diestschi, em 1970, tendo ela se tornado a primeira luterana com o título de bacharel em Teologia, formada pela Faculdade de Teologia (FACTEOL), ordenada pastora em Berlim, em 1973, pelo Bispo Scharf da Igreja Evangélica da União. Rita Maria Panke foi a oitava na lista de matrículas, a terceira a concluir os estudos de teologia, em 1981, pela FACTEOI, atual EST e a primeira a ser instalada em Candelária, no Rio Grande do Sul, para assumir atividades pastorais¹⁸.

Grupos de mulheres ministras que atuam na área pastoral, diaconal, catequética, missionária e Diaconia, na Pastoral Popular Luterana (PPL), agricultoras do Centro de Apoio e Promoção à Agroecologia (CAPA), no Fórum de Reflexão da Mulher Luterana (FRML) e esposas de ministros configuram um grupo específico, na qual a maioria participa da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) criada em 1899. Apesar dessa atuação

¹⁷ ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. **Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação**: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB. Porto Alegre: Odisseia, 2010.

¹⁸ FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. **Mulheres e ordenação (na IECLB)**: novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado. Dissertação (mestrado em Teologia) – Faculdades Estudos Superior em Teologia. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2010.

centenária das mulheres luteranas de diferentes faixas etárias e seguimentos sociais, quando se evoca a imagem dessas mulheres religiosas, a primeira representação que se visualiza é a figura de uma mulher de meia idade que participa no grupo da OASE de sua comunidade¹⁹.

Entretanto, mesmo que essa representação não condiga com a realidade dessas mulheres, ainda existem barreiras para que alcancem representatividade em uma organização com fundamentos litúrgicos e doutrinários cristalizados, como é o caso da OASE. Ou seja, nem todas as mulheres são ainda representadas na mais antiga organização de mulheres luteranas do Brasil. Um exemplo disso foram os eventos ocorridos no contexto da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, realizada em 1990 na cidade de Curitiba, quando foi criado o Fórum de Discussão da Mulher Luterana (FDML). Neste Fórum, em encontros presenciais e depois em redes sociais virtuais, as mulheres começaram a levantar questões que iam além das práticas de seus grupos religiosos, percebendo a necessidade de se conhecerem melhor, compartilhar suas experiências, seus anseios, sua visibilização e representatividade²⁰.

MULHERES NA HIERARQUIA LUTERANA

Os depoimentos de mulheres ordenadas são intrigantes e reveladores. Em uma cidade do interior de São Paulo, realizei o primeiro contato com uma comunidade luterana, onde uma mulher exerce o pastorado. Com a autorização do uso de aparelho de gravador de voz, a entrevista foi realizada na cozinha de sua residência, aos fundos da paróquia. Minha interlocutora, Pastora Helena, nasceu no Rio Grande do Sul, provém de uma família protestante de descendência alemã e se formou em Teologia pela Faculdade de Estudos Superior em Teologia (EST) – instituição vinculada à Rede Sinodal

¹⁹ ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. **Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação**: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB. Porto Alegre: Odisseia, 2010.

²⁰ PHILIPPSEN, Rosane. As origens do fórum de reflexão da mulher luterana e relações de poder entre mulheres da IECLB. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016.

de Educação, dedicada ao ensino, pesquisa e extensão, localizada em São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Segundo Helena, quando uma mulher é enviada para uma comunidade, ela precisa conquistar seu espaço, muitas vezes, com esforço. Sua trajetória de vida possui elementos que fogem de uma tradicional representação de um líder religioso protestante. Helena possui trinta e quatro anos, foi mãe aos dezenove, é divorciada e atualmente possui um companheiro. Em seu depoimento são visíveis as dificuldades em dirigir uma paróquia e as estratégias de ação que são implementadas:

[...] Então tu tens que falar, mostrar que o seu jeito é diferente, no culto, na orientação cristã e no seu jeito de trabalhar. Eu não tenho uma mulher para me ajudar, enfeitar e preparar o altar para mim. Por isso nós percebemos muitos preconceitos, também da comunidade, quando é uma mulher a presidir o culto e orientar a comunidade [...] (Pastora Helena, 34 anos).

A experiência de ser pastora a fez reelaborar a sua corporeidade para ocupar, com legitimidade, um lugar na cultura das religiões cristãs, historicamente estabelecido pelo corpo masculino. Helena expressa uma visão de mulher que extrapola a sua própria condição na Igreja, quando diz “[...] eu não tenho uma mulher para me ajudar, enfeitar e preparar o altar para mim [...]”, isso sugere também a falta de privilégio de um maior apoio das outras mulheres na comunidade que dirige.

A presença do corpo na vida social e a natureza corporificada das identidades e da experiência é irredutivelmente social e processual, afirma Henrietta Moore²¹. Nesse sentido, o corpo pode elucidar épocas, sociedades e são efeitos da ação específica do poder²². No altar religioso, a presença do corpo feminino presidindo uma celebração, como observado na participação da pastora na comunidade luterana em uma cidade média do interior paulista, causa reações de estranhamento e também de empatia no público de fiéis.

Mas, não se pode negar que o crescimento das ordenações femininas sugere uma sensibilidade da liderança masculina com os movimentos

²¹ MOORE, Henrieta. **A passion for difference**: Essays in anthropology and gender. Bloomington, Indiana University Press, 1994.

²² BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

históricos de revisão do lugar social das mulheres na sociedade contemporânea, como ocorre na IECLB. Entretanto, existem resistências à autonomia feminina e, por conta desse aspecto, dificuldades na estabilização de uma cidadania eclesial, assim como ocorre em outros âmbitos da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a IECLB, teologicamente, o sacramento do Batismo assegura a comum dignidade de direitos e deveres do homem e da mulher na comunidade cristã. Mas isso não se efetiva nas relações cotidianas da vida eclesial, apesar do reconhecimento da participação feminina, existem estruturas que determinam uma posição limítrofe para suas atuações na comunidade. Portanto, refletir sobre processos sociais é explorar, além das ações dos luteranos no Brasil, o contexto e os eventos desse período referentes ao Estado brasileiro e como estão relacionados ao universo da religião.

Concluindo, ao dar ênfase no estudo dos processos sociais históricos relacionados com o mundo luterano no Brasil e o Estado, o corpo feminino na configuração das condições das mulheres na Igreja e na sociedade – compreendendo-o como um lugar onde as disputas são travadas –, esta pesquisa poderá suprir a carência de reflexões antropológicas a partir desse campo de estudo. Principalmente por investir na compreensão dos sentidos atribuídos pelos agentes que participam da produção teológica feminista no protestantismo luterano no Brasil e as práticas relacionadas a ela.

REFERÊNCIAS

- BLAY, Eva. Alterman. (Org.). **Igualdade de oportunidades para as mulheres: um caminho em construção**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- REILY, Duncan. Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984, p. 101.
- ROSADO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião: Sobre um campo em constituição**, 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

ANJOS, Gabriele. dos. **Mulheres todas santas**: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: FEE, 2005.

FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. **Mulheres e ordenação (na IECLB)**: novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado. Dissertação (Dissertação) – Faculdades Estudos Superior em Teologia. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2010.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment (Doutorado), Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade de Campinas, 1993.

FRESTON, Paul. **Dilemas de naturalização do protestantismo étnico**: a igreja luterana no Brasil. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis v.16 n .24p .61-73 out, de 1998.

KLIEWER, Gerd. Uma comunidade evangélica frente aos problemas sociais e à atuação sócio-política da Igreja. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 17, n. 1, 1977.

NETO, Ana. Luisa. Gouvêia. O uso político da religião e o uso religioso da política: como a defesa de pautas morais indica uma compreensão de gênero. **Interações**, Belo horizonte, Brasil, v.12 n.22, p. 323-342, ago./dez, 2017.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez, 2007, p. 399.

PHILIPPSEN, Rosane. As origens do fórum de reflexão da mulher luterana e relações de poder entre mulheres da IECLB. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016.

ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. **Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação**: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB. Porto Alegre: Odisseia, 2010.

ASAD, Talad. Reading a modern classic: W. C. SMITH'S **The Meaning and End of Religion**. **History of Religions**, v. 40, n. 3, p. 205-222, 2001, p. 216. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/463633>.

SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. Rever, **revista Estudos da Religião**, dezembro 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_scafone.pdf.